

QUANDO FOI QUE COMEÇAMOS
A NOS ESQUECER DE DEUS?

QUANDO FOI QUE COMEÇAMOS A NOS ESQUECER DE DEUS?

Raízes da crise evangélica e esperança para o futuro

—

MARK GALLI

Traduzido por Claudia Santana Martins

MC
mundocristão

Copyright © 2020 por Mark Galli
Publicado originalmente por Tyndale House Publishers,
Carol Stream, Illinois, EUA.

Os textos bíblicos foram extraídos da *Nova Versão Transformadora* (NVT), da Tyndale House Foundation, salvo a seguinte indicação: *Almeida Revista e Atualizada*, 2ª ed. (RA), da Sociedade Bíblica do Brasil.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

G16q

Galli, Mark, 1952-

Quando foi que começamos a nos esquecer de Deus? : raízes da crise evangélica e esperança para o futuro / Mark Galli ; tradução Claudia Santana Martins. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2021. 240 p.

Tradução de: When did we start forgetting God?
ISBN 978-65-86027-92-1

1. Evangelicalismo - Estados Unidos. 2. Vida cristã.
3. Espiritualidade - Cristianismo. I. Martins, Claudia Santana. II. Título.

21-70598

CDD: 270.82073
CDU: 2-766(73)

Edição
Daniel Faria

Revisão
Natália Custódio

Produção e diagramação
Felipe Marques

Colaboração
Ana Luiza Ferreira

Capa
Jonatas Belan

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69
São Paulo, SP, Brasil
CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

Categoria: Igreja
1ª edição: julho de 2021

Sumário

<i>Prefácio à edição em português</i>	7
<i>Introdução</i>	11

PARTE I: A CRISE

1. Monomaníacos por Deus	21
2. Nós nos esquecemos de Deus	36

PARTE II: A IGREJA

3. Repensando a igreja: o problema da mentalidade missional	53
4. Repensando a igreja: panorama bíblico	59
5. Repensando a igreja: uma dieta mais equilibrada	74
6. O foco do culto	86
7. O que aconteceu com a Comunhão?	94
8. De volta à Bíblia	101
9. E agora, a estrela de nosso espetáculo...	110
10. Tornando os pequenos grupos maiores em propósito	120

PARTE III: APROFUNDANDO O DESEJO

11. Moldando o desejo	135
12. Amor e ódio	146
13. O mundo, a carne, o diabo e a religião	150
14. Não tenha outros deuses	165
15. Lembre-se de guardar o sábado	176

16. Assim me diz a Bíblia	183
17. Oração contemplativa	193
18. Sofrimento	200
19. Confissão	207
20. Amar o próximo enquanto se ama a Deus	216
<i>Agradecimentos</i>	225
<i>Notas</i>	227

Prefácio à edição em português

No papel de editor da *Christianity Today*, a principal revista evangélica americana, Mark Galli testemunhou em primeira mão todo o noticiário cristão e a consolidação de novas tendências na igreja dos Estados Unidos neste início de século. Passaram por sua mão notícias de milagres e escândalos, relatos de sacrifícios extraordinários mas também de corrupção inacreditável, histórias inspiradoras bem como denúncias de fazer ferver o sangue. Percebeu que diversas alas da igreja começavam a expor e defender suas visões particulares da interpretação bíblica, da política e da teologia com novo fervor e ímpeto excludente. As redes sociais serviram para identificar e enrijecer opiniões, fortalecer polos e dividir comunidades.

Galli assistiu de perto à crise que se instalava na igreja evangélica, uma crise de identidade e de propósito, do tipo que se cria quando deixamos Deus de lado em favor daquilo que habita as margens da fé, os projetos da igreja e as nossas preferências doutrinárias, políticas, culturais e comportamentais, definidas em reação àquilo que vem sendo imposto cada vez mais agressivamente pela sociedade.

O que ele viu o deixou atordoado. Não só se desiludiu com boa parte da igreja como também se viu afundando numa crise pessoal que abafou seu amor a Deus e deixou em seu lugar um pragmatismo cínico e frio. Quando se deu conta de seu estado de espírito, ficou assustado ao reconhecer que o que vinha criticando na igreja de seu país havia se instalado também

em seu coração. Caiu em si, tomou consciência daquilo que precisava mudar, corrigiu suas rotas ao longo do tempo e conseguiu se reequilibrar sob a generosidade do Espírito. Por fim, decidi escrever este livro, que foi lançado nos Estados Unidos em abril de 2020.

Para Galli, a eleição de Donald Trump em 2016, com apoio de 81% dos evangélicos brancos, serviu para ilustrar uma nova realidade: pela primeira vez na história, as qualidades pessoais e morais de um candidato à presidência dos Estados Unidos já não eram tão importantes quanto seu alinhamento ideológico aos valores desses polos. O sucesso de Trump entre os evangélicos mostrou os extremos aos quais a igreja americana chegaria para defender sua pauta conservadora. Mas nem toda a igreja estava disposta a aceitar aquilo que via como os abusos de Trump na condução do governo. A *Christianity Today*, que normalmente não se alinha a polos que dividem a igreja, se viu na obrigação de tomar partido. No final de 2019, Galli publicou na revista um editorial no qual defendia o *impeachment* de Trump devido àquilo que descreveu como sua imoralidade grosseira e incompetência ética. Escreveu que o apoio persistente da igreja evangélica a Trump já prejudicava a reputação dos evangélicos e a compreensão do mundo sobre a natureza do evangelho. As reações ao artigo serviram para ilustrar o abismo entre os polos da igreja; revelaram a crise que motivou a publicação de *Quando foi que começamos a nos esquecer de Deus?*.

Por que nós da editora Mundo Cristão decidimos traduzir esta obra de Mark Galli para nossos leitores? Nossa missão nos impede a editar e distribuir os melhores textos de cosmovisão cristã, e nossa curadoria inclui autores brasileiros além de textos notáveis de fora do país. Consideramos sempre a utilidade

das obras para quem vive no Brasil e em outros ambientes de língua portuguesa. No caso desta obra, avaliamos que a mesma dinâmica que afeta as igrejas americanas está presente aqui. No Brasil há também crescente polarização teológica em torno de ideologias e doutrinas. As divisões políticas entre esquerda e direita que separam a sociedade começam também a dividir igrejas. A expressão de opiniões a respeito dessas diferenças, antes sob grau maior de comedimento ou confiança, hoje é escancarada pelos megafones das redes sociais, que contribuem para dar visibilidade à animosidade. Infelizmente, o ambiente que levou Mark Galli a escrever seu livro para a igreja de seu país se duplica por aqui. Para o leitor brasileiro, então, *Quando foi que começamos a nos esquecer de Deus?* serve de alerta. Deus já vem sendo esquecido por aqui também.

As soluções para atenuar essa crise nascem — todas elas — de um ajuste de foco no qual permitimos que Deus seja restabelecido ao seu lugar de primazia. Esta obra extraordinária nos ensina a trocar as banalidades da religião pela centralidade de Deus em todos os lugares de nossa vida individual e coletiva. Aprender a enxergar Deus acontece como resultado de nossas prioridades, rotinas e disciplinas. Esse movimento de volta ao Criador enfraquece a crise e devolve à igreja sua identidade e seu propósito.

OS EDITORES

Introdução

É difícil saber quando a crise evangélica atual começou, porque um traço característico do movimento é a autocrítica implacável. O evangelicalismo é um movimento de reforma, e um objetivo dos evangélicos é reformar a si mesmos.

Lembro-me de quando tomei consciência de uma crise pessoal que me deu uma noção do desafio que todos enfrentamos. A noção veio em gotas, como na manhã em que me sentei no escritório em minha casa, com a xícara de café na mão, para uma vez mais tentar dar início às minhas devoções diárias. Era no começo do inverno e, sentado na poltrona, olhei para as árvores na vizinhança. O céu matinal estava se iluminando com o sol que nascia, e os contornos dos galhos nus das árvores se destacavam nitidamente.

A seguir veio-me um pensamento que pode ser banal como metáfora, mas surpreendente em seu significado. Os galhos sem vida retratavam o estado de minha vida espiritual. Minha vida cristã estava... bem... sem vida. Eu não tinha nenhum anseio de conhecer e amar a Deus. Não estava zangado com ele. Não duvidava de sua existência. Não estava lutando contra o problema do mal. Estava sendo um cristão fiel tanto quanto sabia ser. Mas — a ideia me ocorreu — eu não sentia nenhum amor por Deus.

Enquanto tomava o café, minha mente foi engrenando devagar. Percebi também que, embora orasse e lesse as Escrituras regularmente, mesmo que aos trancos e barrancos, minha

vida não seria muito diferente se eu não orasse e lesse minha Bíblia. Eu estava vivendo como um ateu prático. Minha relação pessoal com Deus não afetava realmente nada do que fazia ou dizia, exceto os ornamentos formais do cristianismo. Eu era, nessa época, editor geral da *Christianity Today*, por isso, naturalmente, publicava e escrevia muitos textos que eram cristãos até o âmagô. Mas percebi que, se nunca mais orasse, ainda conseguiria ser um editor muito bom de uma revista cristã e um membro muito bom da igreja em minha paróquia local. Sabia como me relacionar bem com os outros, gerenciar a equipe, trabalhar com os superiores, interagir com colegas da igreja, conseguir que as tarefas fossem realizadas, e assim por diante. Mas orar não era necessariamente fazer tudo isso. Aquelas eram habilidades aprendidas que haviam, até certo ponto, se tornado bons hábitos. Meu relacionamento pessoal com Deus não fazia nenhuma diferença, no fim das contas.

Meu pensamento seguinte foi: “Bem, se me considero cristão, eu deveria ter mais amor a Deus e desejar conhecê-lo mais profundamente. Talvez eu devesse orar para isso”. Todavia, naquela manhã, como em outras, ocorreu-me que eu não estava certo de querer aquilo. Reconheci que aquela era uma confissão estranha para alguém que alegava ser cristão. Mas era isso. Não achava que *quisesse* amar mais a Deus de fato.

Eu havia mergulhado nas Escrituras e na teologia cristã fundo o bastante para saber que não havia desejo maior do que ansiar por Deus, alegria ou felicidade maior do que conhecer a Deus com uma intimidade crescente. E, no entanto, precisava admitir, enquanto olhava para aqueles galhos sem folhas e para dentro de meu coração gelado, que tinha pouco ou nenhum interesse nisso.

Percebi, naquele momento, que não havia como ocultar tudo isso de Deus, e que Deus já conhecia o estado de meu coração e minha vontade havia algum tempo e estava esperando, paciente e misericordiosamente, que eu mesmo o notasse. Foi quando percebi também que a oração mais sincera seria simplesmente: “Senhor, ajuda-me a querer te amar”.

Há um risco em universalizar a experiência pessoal de alguém para aplicar aos outros, quanto mais a todo um corpo de crentes. Mas, na verdade, creio que o processo foi o inverso. Já há algumas décadas, como comprovam meus textos, tenho notado que o cristianismo em meu país tem se mostrado cada vez menos interessado em Deus e cada vez mais interessado em executar boas ações para Deus. Aprendemos como sermos eficazes para ele a ponto de não precisarmos mais dele. Foi essa preocupação gradativa que finalmente se apoderou de mim, fazendo-me compreender que essa não era apenas uma crise de outras pessoas, mas uma crise que todos compartilhamos. Sendo tão integrado ao cristianismo evangélico, sentia-me especialmente preocupado com a minha própria tribo.

E eu não era o único a pensar que há uma crise evangélica. Se tivesse de escolher o momento em que a crise atual começou a aflorar em nossa consciência, escolheria a publicação em 1995 do livro de Dave Tomlinson, *The Post-Evangelical* [O pós-evangélico]. Ele situou o início do livro dois anos antes, quando, no Greenbelt Festival, na Grã-Bretanha, um amigo fez uma referência de passagem a “nós, pós-evangélicos”. Embora não tivesse certeza do que significava, Tomlinson decidiu descobrir, já que o termo repercutia nele e em seus amigos. O livro, nas palavras dele, é um “ensaio pastoral dirigido àqueles (e há muitos) [...] que lutam com restrições na teologia, espiritualidade e cultura da igreja evangélica”.¹

O livro causou sensação na Grã-Bretanha, e pessoas com ideias afins nos Estados Unidos começaram a se interessar. A partir dessa e de outras influências surgiu o movimento Igreja Emergente, que visava, entre outros objetivos, adaptar a teologia evangélica à sensibilidade pós-moderna. Talvez a tentativa mais conhecida seja a trilogia Novo Tipo de Cristão, de Brian McLaren, iniciada em 2001, que culminou em outro livro, *A New Kind of Christianity* [Um novo tipo de cristianismo], de 2010. Com a publicação desse último livro, McLaren não estava apenas questionando o evangelicalismo, mas também o cristianismo ortodoxo. Para ele e muitos outros líderes da Igreja Emergente, a crise do evangelicalismo era também a crise do cristianismo tradicional. Ambos, afirmava McLaren, estavam atolados no espírito da “modernidade”, na rigidez teológica e em uma leitura literal das Escrituras, além de serem indiferentes ao mistério, mais interessados em proclamar respostas do que em “viver as perguntas”.

O “desencanto” de McLaren intensificou-se com o crescente alinhamento dos cristãos conservadores com as políticas da direita.² Avancemos rapidamente até 9 de novembro de 2016, o dia depois que Donald Trump foi eleito presidente dos Estados Unidos e o desencanto se espalhou e se transformou em raiva para muitos líderes evangélicos, quando fomos informados de que 81% dos eleitores brancos que se identificavam como “evangélicos” votaram em Trump.

O presidente do Fuller Theological Seminary, Mark Labberton, resumiu a crise do evangelicalismo em um encontro nacional de líderes evangélicos na Wheaton College em 2018. Chamando o acontecimento de “negociação política”, ele re-preendeu os evangélicos por ambicionarem o poder político, pelo racismo, pelo nacionalismo e pela falta de preocupação

com os pobres.³ É claro que ele estava falando apenas sobre os evangélicos conservadores, mas, para ele e muitos líderes evangélicos, são esses evangélicos que criaram a crise do evangelicalismo hoje.

Não há dúvida de que a crise hoje é mais intensa do que nunca, com muitos evangélicos (geralmente aqueles que querem se distanciar de todos os que apoiaram Donald Trump) abandonando esse rótulo, preferindo ser conhecidos como “seguidores de Jesus” ou “cristãos da letra vermelha” ou apenas “cristãos”. Esse desconforto com o nome existe há anos, a começar daqueles que se sentem mais afinados com rótulos como *pós-evangélico* ou *emergente*. Tão perturbadores são esses acontecimentos que a InterVarsity Press encomendou um livro dedicado ao significado e futuro do movimento: *Still Evangelical? Insiders Reconsider Political, Social, and Theological Meaning* [Ainda evangélicos? Membros do movimento reconsideram o significado político, social e teológico] (um livro para o qual contribuí).⁴

É claro que outros localizaram a crise do outro lado do espectro político e teológico, assim como haviam feito vinte anos antes em *The Compromised Church: The Present Evangelical Crisis* [A igreja que cedeu: A crise evangélica atual], uma antologia com contribuições de Mark Dever, Al Mohler e Phil Ryken, entre outros. Para esses escritores, a igreja evangélica se tornou superficial teologicamente, bíblicamente e no culto. Há muitos pontos elogiáveis em suas ideias também.

Outra visão da crise vem da jornalista e historiadora Molly Worthen. Em *Apostles of Reason: The Crisis of Authority in American Evangelicalism* [Apóstolos da razão: A crise de autoridade no evangelicalismo americano], ela afirma que o evangelicalismo está repleto de contradições e confusões porque o movimento nunca teve uma autoridade única a guiar sua vida e fé.⁵

Isso pode ter sido uma revelação para os não evangélicos, mas certamente não o foi para aqueles dentro do movimento. Essa falta de autoridade estruturada é a maior força e fraqueza do evangelicalismo. Basear-se apenas na Bíblia e na leitura que cada pessoa faz dela permitiu ao evangelicalismo ser um movimento dinâmico, que molda a fé de modo atraente para cada geração e cada cultura. Mas essa falta de uma autoridade central cria, inevitavelmente, discussões e divisões e, portanto, uma crise permanente, de certa forma.

Essas são apenas algumas das crises que aqueles dentro e fora do movimento mencionam, e cada um dos críticos está certo em mais do que um aspecto. Como editor-chefe da *Christianity Today*, e como alguém que está incorporado à cultura do evangelicalismo há mais de meio século, não apenas escutei todas essas queixas como também reconheço a parcela de verdade em cada uma delas. Elas não devem ser descartadas com um simples gesto de mão.

Existe, sem dúvida, uma crise política (mas, em minha opinião, está à direita e à esquerda). E uma crise de racismo (certamente entre brancos, mas também cada vez mais entre minorias). E uma crise teológica. E uma crise bíblica. E uma crise no culto (e não apenas por causa de cânticos de adoração fracos). Uma crise no casamento e na família. Uma crise no evangelicalismo. Uma crise na justiça social. Uma crise na assistência pastoral. Uma crise no discipulado. E assim por diante.

Há um bom tempo, temos visto aumentarem as previsões da morte do evangelicalismo. Dez anos atrás, o falecido blogueiro Michael Spencer incitou uma das primeiras conversas nas redes sociais sobre a viabilidade do evangelicalismo com o ensaio “Minha previsão: o colapso evangélico se aproxima”. Entre outras declarações, encontra-se esta:

Este colapso, acredito, anunciará a chegada de um capítulo anticristão do pós-cristianismo ocidental, e mudará a forma como dezenas de milhões de pessoas veem todo o âmbito da religião. A intolerância do cristianismo crescerá a um nível que muitos de nós não acreditávamos possível em nosso tempo de vida, e as políticas públicas se tornarão especialmente hostis para com o cristianismo evangélico, vendo-o cada vez mais como o oponente ao bem dos indivíduos e da sociedade.

A reação dos evangélicos a esse novo ambiente será uma retomada das mesmas retóricas e reações que temos visto desde o início da atual guerra cultural na década de 1980. A diferença será o abandono de milhões de evangélicos: abandonarão as igrejas, abandonarão a adesão às singularidades evangélicas e abandonarão a resistência à onda crescente da cultura.

Muitos que deixarão o evangelicalismo o deixarão em troca de nenhuma filiação religiosa. Outros deixarão pelo ateísmo ou secularismo agnóstico, com uma forte rejeição pessoal à crença cristã e à influência cristã. Muitos de nossos filhos e netos abandonarão o navio, e muitos o farão dizendo “bons ventos os levem!”.⁶

Eu era cético quanto a isso na época em que ele escreveu o ensaio, e o afirmei publicamente. Mas hoje admito que Spencer estava mais certo do que errado. Os acontecimentos e pesquisas recentes confirmam muitas de suas previsões. Estamos realmente em um momento de crise no evangelicalismo americano.

Sendo claro, não me importa se, como muitos preveem, o movimento conhecido como evangelicalismo desaparecer ao pôr do sol. Deus criou muitos movimentos reformistas desde o Dia de Pentecostes e viu muitos morrerem — alguns deles suspeito que foi ele mesmo que extinguiu. Se o evangelicalismo

desaparecer, ele criará, em sua misericórdia, outro movimento que dará nova vida a seu povo. O futuro da igreja nos Estados Unidos não depende da saúde do evangelicalismo; depende do poder de Deus. Diria que estamos em boas mãos.

Dito isso, nos Estados Unidos o evangelicalismo teve um início único, que lhe deu energias e o sustentou durante mais de dois séculos. E foi um dos movimentos mais revolucionários na história da igreja, mudando as feições não só do cristianismo nos Estados Unidos como, por meio do movimento missionário do século 19, em todo o globo. Essa história contém muitos elementos perturbadores, como vários já observaram. Isso não é de surpreender, porque é um movimento cheio de pecadores. Mas Deus tem sido bom e, apesar de tudo, o tem utilizado para possibilitar que pessoas de todas as condições sociais e de todos os cantos do mundo conheçam a graça insuperável de Jesus Cristo.

Apesar disso, o evangelicalismo contemporâneo está em graves dificuldades. Na verdade, essa crise é a mesma que aflige todo o cristianismo nos Estados Unidos. Correndo o risco de húbriis e de apenas acrescentar mais um item à lista aparentemente interminável de crises, neste livro eu sugiro que uma crise está no coração do que aflige grandes parcelas da igreja em meu país. Alexander Soljenítsin mencionou-a em seu discurso ao receber o Prêmio Templeton de Progresso na Religião em 1983. Ele se referia à cultura ocidental ao dizer isso, mas a frase se aplica à igreja nos Estados Unidos, evangélica ou não:

Nós nos esquecemos de Deus.

PARTE I

A crise

